Lição 1: Opiniões sobre o início e o fim do movimento

965. Após mostrar no livro anterior que é necessário admitir um primeiro móvel, um primeiro movimento e um primeiro motor, o Filósofo pretende neste presente livro investigar uma descrição do primeiro motor, do primeiro movimento e do primeiro móvel. O livro divide-se em duas partes:

Na primeira, ele estabelece algo necessário para a investigação seguinte, a saber, que o movimento é sempiterno;

Na segunda, ele procede a investigar o que é proposto (L. 5).

Sobre a primeira parte, ele faz três coisas:

Primeiro, levanta um problema;

Segundo, expõe a verdade segundo sua própria opinião (L. 2);

Terceiro, responde a possíveis objeções em contrário (L. 4).

Em relação ao primeiro, ele faz três coisas:

Primeiro, propõe seu problema;

Segundo, apresenta opiniões para ambos os lados, em 968;

Terceiro, mostra a utilidade desta consideração, em 970.

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, propõe o problema que pretende investigar;

Segundo, responde a uma questão tácita, em 967.

966. Em relação ao primeiro ponto, deve-se saber que Averróis diz que Aristóteles, neste livro, não pretende investigar se o movimento é sempiterno universalmente, mas limita sua questão ao primeiro movimento.

Contudo, se alguém considerar tanto as palavras quanto o procedimento do Filósofo, isso é inteiramente falso. Pois as palavras do Filósofo falam do movimento em um sentido universal. Ele diz, em efeito: "Houve alguma vez um devir do movimento, antes do qual ele não tinha ser, e está

ele perecendo novamente, de modo a nada deixar em movimento?" Disso fica claro que ele não está investigando um movimento definido, mas o movimento universalmente, perguntando se em algum tempo não houve movimento.

A falsidade da afirmação de Averróis aparece também pelo próprio procedimento de Aristóteles. Primeiro, é costume de Aristóteles sempre argumentar a favor de sua proposição a partir de causas próprias. Ora, se alguém considerar os argumentos que ele apresenta, verá que em nenhum deles Aristóteles argumenta a partir de um termo médio que se refira propriamente ao primeiro movimento, mas argumenta antes a partir de um termo médio próprio ao movimento em geral. Logo, isso por si só mostra que ele pretende investigar aqui a sempiternidade do movimento em geral.

Em segundo lugar, se ele já tivesse provado que há um ou vários movimentos sempiternos, teria sido tolo perguntar adiante se algo está eternamente em movimento, pois essa questão já teria sido respondida. Também é ridículo dizer que Aristóteles repetiria desde o início sua consideração de um problema que já havia resolvido, e agiria como se tivesse omitido algo, como o Comentador pretende. Pois Aristóteles teve a oportunidade de corrigir seu livro e preencher no lugar adequado qualquer seção que tivesse omitido, para não proceder de maneira desordenada. Pois se este capítulo tivesse sido tratado da maneira imputada pelo Comentador, tudo o que se segue seria confuso e desordenado. Isso não é estranho, pois, tendo suposto uma impossibilidade inicial, outras então se seguem.

Além disso, a correção de nossa visão é demonstrada pelo fato de que Aristóteles mais tarde usa o que prova aqui como princípio para provar a eternidade do primeiro movimento. Ele nunca teria feito isso, se já tivesse provado que o primeiro movimento é eterno.

A razão que moveu Averróis é totalmente frívola. Pois ele diz que se Aristóteles está aqui pretendendo investigar a eternidade do movimento em comum, seguir-se-á que a consideração de Aristóteles foi diminuída, porque não é evidente, a partir do que ele prova neste lugar, como os movimentos poderiam ser sempre continuados um ao outro.

Mas isso não tem peso, porque é suficiente para Aristóteles provar neste capítulo, de modo geral, que o movimento sempre existiu. Mas como a eternidade do movimento é continuada — se é porque todas as coisas estão sempre em movimento, ou porque todas as coisas estão às vezes em movimento e às vezes em repouso, ou porque algumas coisas estão sempre em movimento e outras às vezes em movimento e às vezes em repouso — é uma questão que ele levanta imediatamente após a presente.

Assim, este capítulo deve ser explicado de acordo com essa intenção, ou seja, que ele pretende investigar o movimento em comum. De acordo com isso, portanto, ele pergunta: "O movimento em comum começou a ser em algum tempo, de modo que anteriormente nunca houve movimento, e de modo que em algum tempo perecerá para nada deixar em movimento, ou, por outro lado, nunca começou e nunca cessará, de modo que sempre foi e sempre será?"

E ele dá um exemplo tirado dos animais, pois alguns filósofos disseram que o mundo é um certo grande animal. Pois vemos os animais como vivos enquanto o movimento é aparente neles, mas

quando todo movimento cessa neles, são ditos mortos. Assim, o movimento em todo o universo dos corpos naturais é tomado como um tipo de vida. Se, portanto, o movimento sempre foi e sempre será, então esse tipo de vida dos corpos naturais será imortal e infalível.

967. Então, em (749), ele responde a uma questão tácita. Pois nos livros anteriores, Aristóteles havia discutido o movimento em comum, sem aplicá-lo às coisas; mas agora, investigando se o movimento sempre existiu, ele aplica sua doutrina geral sobre o movimento à existência que ele tem nas coisas. Portanto, alguém poderia dizer que, nesta consideração, a primeira questão deveria ter sido se o movimento tem existência nas coisas, em vez de se ele é eterno, especialmente porque há alguns que negaram que o movimento exista.

A isso ele responde que todos os que falaram sobre a natureza das coisas admitem que o movimento existe. Isso é evidente a partir de suas afirmações de que o mundo foi feito, e a partir de sua consideração da geração e da cessação das coisas, que não podem ocorrer sem movimento. É, portanto, uma suposição comum na ciência natural que o movimento tem existência nas coisas. Logo, não há necessidade de levantar essa questão na ciência natural, mais do que em outras ciências se levantam questões sobre as suposições da ciência.

968. Então, em (750), ele apresenta opiniões para ambos os lados da questão que propôs.

Primeiro, ele dá as opiniões que declaram que o movimento é eterno;

Em segundo lugar, aquelas que declaram que o movimento não é eterno, em 969.

Na explicação da primeira parte (750), portanto, deve-se saber que Demócrito supôs que os primeiros princípios das coisas são corpos que são *per se* indivisíveis e sempre móveis, e que o mundo veio a ser pela agregação casual desses corpos — não apenas o mundo em que existimos, mas uma infinitude de outros mundos, já que esses corpos se congregaram para formar mundos em diversas partes do vazio infinito. Ainda assim, ele não considerou esses mundos como destinados a durar para sempre; em vez disso, alguns vieram à existência como resultado da combinação de átomos, e outros deixaram de existir como resultado da dispersão dos mesmos átomos. Portanto, todos os filósofos que concordam com Demócrito afirmam a eternidade do movimento, porque dizem que a geração e a cessação de certos mundos sempre ocorrem — e isso necessariamente envolve movimento.

969. Então, em (751), ele apresenta as opiniões do outro lado. E diz que aqueles que declaram que há apenas um mundo que não é eterno também declaram o que razoavelmente se segue quanto ao movimento, ou seja, que ele não é eterno.

Portanto, se supusermos um tempo em que nada estava em movimento, isso poderia ocorrer de duas maneiras, assim como de duas maneiras se pode supor que este mundo nem sempre existiu: de um modo, que este mundo começou de tal forma que antes nunca existiu de modo algum, como Anaxágoras defendia; de outro modo, que o mundo começou a existir de modo que não existiu por algum tempo anteriormente, mas que novamente havia existido antes daquele tempo, como Empédocles defendia.

De modo semelhante, quanto ao movimento, Anaxágoras dizia que em certo tempo todas as coisas eram uma mistura umas com as outras e nada estava segregado de nada — nessa mistura era necessário supor que todas as coisas estavam em repouso, pois o movimento não ocorre sem separação, já que tudo o que está em movimento se separa de um termo para tender a outro. Portanto, Anaxágoras supôs a pré-existência dessa mistura e repouso em tempo infinito, de modo que em nenhum tempo antes (do mundo presente) houvesse qualquer movimento, e que foi a Mente, a única que era imiscível, que causou o movimento em primeira instância e começou a separar as coisas umas das outras.

Empédocles, por outro lado, dizia que em um período de tempo algumas coisas estão em movimento, e novamente em outro período todas as coisas estão em repouso. Pois ele supôs a Amizade e a Discórdia como os primeiros motores das coisas: a propriedade da Amizade era fazer a unidade de todas as coisas, e a da Discórdia, fazer muitas coisas a partir do uno. Mas porque a existência de um corpo misturado requer uma mistura dos elementos para formar uma coisa, enquanto a existência de um mundo requeria que os elementos fossem dispersos de maneira ordenada, cada um em seu respectivo lugar, ele supôs que a Amizade é a causa do vir-a-ser dos corpos misturados, e a Discórdia a causa de seu deixar-de-ser; mas que, ao contrário, no mundo todo, a Amizade era a causa de seu deixar-de-ser e a Discórdia a causa de seu vir-a-ser.

Assim, ele supôs que o mundo todo está sendo movido, quando a Amizade faz o uno a partir dos muitos ou quando a Discórdia faz muitos a partir do uno; mas nos tempos intermediários, ele supunha que havia repouso — não no sentido de que não houvesse movimento algum, mas nenhum quanto à mudança geral do mundo.

Como Aristóteles havia mencionado a opinião de Empédocles, ele também apresentou as próprias palavras, que são difíceis de interpretar por estarem em metro.

Assim, portanto, Empédocles expressou sua opinião nessa disposição de palavras: "Aprendeu a nascer", i.e., é costume que algo seja gerado, "o uno a partir do múltiplo"; "e novamente", i.e., de outro modo, "a partir do uno misturado", i.e., composto de uma mistura, "o múltiplo surge", i.e., os muitos vêm a ser por meio da separação — pois algumas coisas são geradas combinando-se com outras, e outras separando-se.

E segundo o que observamos quanto a casos particulares de vir-a-ser, "assim as coisas vêm a ser", i.e., o mesmo deve ser entendido no vir-a-ser universal das coisas em relação ao mundo todo. "Nem sua era é uma", i.e., não há apenas um período de duração das coisas; mas em um tempo um mundo é gerado, em outro é destruído, e entre eles há repouso: pois "era" é tomado como a medida da duração de uma coisa.

Ele expressa a distinção dessas eras quando acrescenta: "Assim são elas mudadas", i.e., como que afirmando que o tempo em que as coisas passam pelo ciclo de combinação ou separação é chamado de uma era. E para que ninguém suponha que a geração de um mundo não requer uma era, i.e., um período de tempo, mas que o universo vem a ser em um instante, Empédocles acrescenta: "nem são aperfeiçoadas de uma só vez", mas após um longo intervalo de tempo.

Em seguida, falando da outra era, ele acrescenta: "assim são sempre imóveis", i.e., no tempo entre o ciclo de geração e corrupção, ele supunha que as coisas estão em repouso.

E para que ninguém acreditasse que antes sempre houve mudança, e que depois haverá repouso contínuo, ele exclui isso dizendo "alternadamente", i.e., como que afirmando que isso ocorre em ciclos, ou seja, que as coisas mudam e depois repousam, e depois mudam novamente, e assim *ad infinitum*.

Então, as palavras de Aristóteles são acrescentadas para explicar as palavras anteriores de Empédocles, especialmente a expressão "assim elas mudam". Diz, portanto, que após as palavras "assim elas mudam", deve-se entender o acréscimo "desde então", i.e., a partir de um início definido até o presente — não no sentido de que o movimento sempre existiu, ou que, depois de ter começado, foi interrompido.

970. Então, em (752), ele mostra a utilidade de considerar a questão proposta. E diz que devemos considerar qual é a verdade sobre essa questão, pois conhecer a verdade sobre ela é muito necessário não apenas para a ciência natural, mas também para a ciência do primeiro princípio, já que tanto aqui quanto na *Metafísica* ele usa a eternidade do movimento para provar o primeiro princípio.

Esse método de provar a existência de um primeiro princípio é eficacíssimo e irresistível. Pois se, supondo que tanto o movimento quanto o mundo existissem para sempre, é necessário postular um primeiro princípio, então, se a eternidade disso for rejeitada, é ainda mais necessário, pois é claro que toda coisa nova requer um princípio que a traga à existência. Ora, a única razão pela qual poderia parecer que nenhum primeiro princípio seria necessário seria se as coisas fossem *ab aeterno*. Mas se a existência de um primeiro princípio segue mesmo nessa suposição, i.e., que o mundo existiu *ab aeterno*, é claro que a existência de um primeiro princípio é absolutamente necessária.

Revision #2
Created 27 September 2026 18:48:04 by Admin
Updated 1 October 2026 23:53:50 by Admin